


Literatura e violência: a representação da violência dogmático-religiosa contra a personagem gay em *Speak No Evil* de Uzodinma Iweala /  
*Literature and violence: the representation of religious-dogmatic violence against the gay character in Speak No Evil, by Uzodinma Iweala*

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior <sup>1\*</sup>

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, com estágio pós-doutoral em Letras sobre a literaturas africanas de língua inglesa queer, é professor do curso de Letras-Inglês e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em Natal, RN. É bolsista de Produtividade em Pesquisa 2/CNPq.

 <https://orcid.org/0000-0002-7592-449X>

**Recebido** em: 03 fev. 2025. **Aprovado** em: 06 jul. 2025.

**Como citar este artigo:**

JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de Melo. Literatura e violência: a representação da violência dogmático-religiosa contra a personagem gay em *Speak No Evil* de Uzodinma Iweala. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e6281, set. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17211834

**RESUMO**

As literaturas africanas e afro-diaspóricas queer têm recebido pouco espaço na academia brasileira. Este texto busca preencher essa lacuna a partir da análise do romance *Speak no evil* de Uzodinma Iweala, com foco na violência dogmático-religiosa sofrida pelo protagonista Niru. Metodologicamente, a análise literária parte do pressuposto bakhtiniano de que conteúdo, material e forma são elementos indivisíveis do texto literário, o que nos leva a discutir esse tipo de violência (conteúdo) por meio da forma e do material usados pelo autor para a representação de como a personagem é subjugada a uma rejeição da sua homossexualidade pelos pais e líderes religiosos, que o submetem, inclusive, a uma sessão de exorcismo. Concluo, portanto, que o autor utiliza um vocabulário relacionado aos valores da demonologia pentecostal para representar a perniciosidade da violência dogmático-religiosa, permitindo que estabeleçamos um diálogo entre esse mundo ficcional e o mundo da vida, em que, a despeito de haver leis ou não para esse tipo de “terapia de conversão”, pessoas LGBTQ+ ainda são vítimas desse discurso autoritário da religião e submetidas a esses rituais desumanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literaturas africanas queer; Violência dogmático-religiosa; Exorcismo; *Speak no evil*; Uzodinma Iweala

**ABSTRACT**

Queer African and Afro-diasporic literature has received little attention in Brazilian academia. This text seeks to fill this gap by analyzing Uzodinma Iweala's novel *Speak No Evil*, focusing on the religious-dogmatic violence suffered by the protagonist Niru. Methodologically, the literary analysis is based on the Bakhtinian assumption that content, material,

---

<sup>1\*</sup> [orison.junior@ufrn.br](mailto:orison.junior@ufrn.br)

*and form are indivisible elements of the literary text, which leads us to discuss this type of violence (content) through the form and material used by the author to represent how the character is subjected to a rejection of his homosexuality by his parents and religious leaders, who even subject him to an exorcism session. Therefore, I conclude that the author uses a vocabulary related to the values of Pentecostal demonology to represent the perniciousness of dogmatic-religious violence, allowing us to establish a dialogue between this fictional world and the world of life, in which, despite there being laws or not for this type of “conversion therapy”, LGBT+ people are still victims of this authoritarian discourse of religion and subjected to these inhumane rituals.*

**KEYWORDS:** *Queer African literature; Religious-dogmatic violence; Exorcism; Speak no evil; Uzodinma Iweala*

## 1 Introdução

A representação da violência em seus diferentes formatos não é um dado novo aos estudiosos da literatura. Ressalto, em especial, as literaturas que representam, no mundo ficcional, os conflitos e as violências sofridas por corpos queer. Destaco, nesse mundo tão amplo das literaturas queer, as literaturas escritas por autoras/es africanas/os e afro-diaspóricas/os contemporâneas/os, tais como Uzodinma Iweala, autor do romance *Speak no evil*, objeto de análise deste artigo.

Várias/os estudiosas/os já se debruçaram sobre o tema da violência, quer seja física, cultural, simbólica, entre outros tipos. Trago, mesmo que brevemente, a discussão de autores como Chauí (2019), Galtung (1990), Bourdieu (2007) e Han (2019), a fim de perceber as variadas manifestações da(s) violência(s) e sua relação com o domínio e o poder. Nesse sentido, busco desenvolver o conceito de violência dogmático-religiosa, com o fito de perceber como esse tipo de violência é representada em obras literárias, em especial nas literaturas africanas e afro-diaspóricas queer de expressão inglesa.

Vale destacar que ao enfatizar o verbo ‘representar’ nesses primeiros parágrafos, parto de duas concepções da teoria do romance de Bakhtin. A primeira diz respeito ao que o autor russo chama de realismo ingênuo. Para ele, o realismo ingênuo parte do entendimento de que o mundo que representa (o mundo da vida) e o mundo representado (o mundo da arte) são confundidos ou até mesmo fundidos. Fugindo desse tipo de entendimento, comungo com o autor a perspectiva de que entre o mundo da vida e o mundo da arte há a “presença irrevogável” (Bakhtin, 2018, p 231) de uma fronteira entre eles, o que não permite essa fusão. Entretanto, conforme o próprio autor russo argumenta, o que há entre esses mundos é uma “constante interação, [...] uma troca permanente, semelhante ao metabolismo que ocorre entre um organismo vivo e seu meio ambiente” (Bakhtin, 2018, p 231).

A segunda concepção está mais relacionada com o sentido com o qual o termo

‘representar’ é usado neste artigo, a saber, o da refração. Segundo o autor russo, uma obra nunca é o reflexo puro da sociedade, como um espelho. Como explica Holquist (1981), a metáfora da refração usada por Bakhtin está diretamente relacionada com as intenções do autor que são refratadas em diversos ângulos, tendo em vista que as palavras escolhidas pelo autor possuem duas trajetórias diferentes: para o objeto e para o auditório. Essas trajetórias não são neutras, pois já estão preenchidas ideologicamente, levando à refração dessas palavras e, por conseguinte, das intenções do autor. Nas palavras do próprio Bakhtin (2015, p. 49-50):

Se imaginarmos a intenção, isto é, a orientação de uma palavra em forma de raio voltada para o objeto, então o jogo vivo e singular de cores e luz que tal palavra constrói nas facetas da imagem deve-se à refração raio-palavra não no próprio objeto [...], mas à sua refração no ambiente de palavras, avaliações e acentos alheios pelo qual passa o raio em direção ao objeto: o clima social da palavra que cerca o objeto obriga as facetas de sua imagem a entrarem no jogo.

Uma obra, portanto, não deve ser lida e/ou analisada como um reflexo ou espelho da sociedade, pois as intenções do autor – mesmo que sejam de representar a “realidade” – passam pelo processo natural da refração, tendo em vista que o objeto de representação está “envolvido pela palavra do outro sobre ele, é condicionado, contestado, diversamente apreendido, diversamente apreciado, é inseparável da sua apreensão social heterodiscursiva” (Bakhtin, 2015, p. 121).

Nesse sentido, reconhecendo que o mundo representado é diferente do mundo que representa – apesar de sua interação – e que as intenções do autor de representar a “realidade” são refratadas no próprio objeto de representação, este trabalho não tende a um sociologismo, por meio do qual a ênfase analítica recai sobre o conteúdo social da obra. No entanto, sem descartar o conteúdo social refratado pelo autor, busco compreender a construção estética da obra feita pelo autor – ou nas palavras de Bakhtin – do autor-criador. Mais especificamente, este trabalho busca analisar como se dá a construção da violência dogmático-religiosa contra o protagonista gay do romance *Speak no Evil* (Iweala, 2018).

Para alcançar o objetivo proposto, na próxima seção farei uma breve discussão sobre violência para trazer o foco do estudo, ou seja, o da violência dogmático-religiosa. Posteriormente, farei uma pequena apresentação do autor e da obra, trazendo um resumo do enredo para que a análise da construção da violência dogmático-religiosa contra o protagonista gay seja mais bem compreendida. Por fim, trarei algumas considerações finais sobre o tema desenvolvido neste

estudo e a sua contribuição.

## 2 Violência dogmático-religiosa

O conteúdo da violência em textos literários não é uma novidade, em especial quando pensamos nas diferentes violências perpetradas pelos seres humanos representadas na literatura. Chauí (2021) nos ajuda a pensar violência em diferentes níveis. Para ela, “*A violência é a presença da ferocidade nas relações com o outro enquanto outro ou por ser um outro*” (Chauí, 2021, p. 36; grifos da autora). Nesse sentido, a violência pode ser:

1. tudo que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5. consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (Chauí, 2021, p. 35-36).

Esse escopo da violência apresentada pela autora também é compartilhado por outros/as autores/as cujas discussões muitas vezes partem para uma classificação ou categorização das violências. Nessa esteira, Galtung (1990) cria uma tipologia da violência a partir de quatro classes de necessidades básicas do ser humano, a saber, as necessidades de sobrevivência, as necessidades pelo bem-estar, as necessidades identitárias e as necessidades de liberdade. A partir dessas necessidades, ele categoriza a violência como direta, estrutural e cultural, sendo a última aquela que “normaliza” as violências direta e estrutural. Por exemplo, enquanto a miséria é uma violência direta contra os seres humanos, a exploração que leva a um estado permanente de miséria é uma violência estrutural. Enquanto a repressão ou expulsão é uma violência direta contra as pessoas (por exemplo, pessoas LGBT+<sup>2</sup> que são expulsas de casa pelos pais simplesmente por serem quem são), a sua marginalização é uma violência estrutural. A violência cultural, nesses exemplos, é aquela que normaliza a miséria e a exploração que leva à miséria, que normaliza a

---

<sup>2</sup> No Brasil, o acrônimo utilizado na contemporaneidade é LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binária), que busca envolver um número maior de variações de gênero e sexualidade. O sinal de + busca mostrar que há outras variações possíveis. No entanto, para fins deste trabalho, usarei uma forma simplificada, a saber, LGBT+, tendo em vista que é esse o acrônimo muitas vezes usado por intelectuais africanos e africanistas usados neste trabalho.

expulsão e a marginalização.

Já Han (2017), ao discutir a macrológica da violência, explica que a violência macrofísica é desenvolvida nas relações de tensão entre o eu e o outro, entre o amigo e o inimigo. Ela se expressa, dessa forma, como uma violência de fora que “penetra em meu interior sem meu consentimento” (Han, 2017, p. 137). Para o autor, o poder e a violência utilizam técnicas de subjugação do outro de tal modo que o outro seja “dobrado”. Dessa forma, “[t]anto a violência quanto o poder são estratégias para neutralizar a alteridade inquietante, a liberdade rebelde do outro” (Han, 2017, p. 140).

Outra categoria de violência discutida pelo autor é a violência sistêmica, relacionada às estruturas do sistema social que estabelecem relações desiguais de poder sem que essas relações sejam reveladas às suas vítimas, que “não têm consciência direta do contexto de domínio” (Han, 2017, p. 160). É por essa razão que o autor classifica esse tipo de violência como técnica de domínio, exercendo um domínio discreto, mas muito mais eficiente do que a violência *per si*. Nesse sentido, Han (2017) traz, para a sua discussão, o pensamento de Bourdieu, segundo o qual

A violência simbólica é essa coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (portanto, à dominação), quando dispõe apenas, para pensá-lo e para pensar a si mesmo, ou melhor, para pensar sua relação com ele, de instrumentos de conhecimento partilhados entre si e que fazem surgir essa relação como natural, pelo fato de serem, na verdade, a forma incorporada da estrutura da relação de dominação (Bourdieu, 2007, p. 206-207).

Han (2017) esclarece que, segundo Bourdieu, a violência simbólica está intrínseca no sistema social, pois se encarrega de que o *status quo* da dominação permaneça inabalado. Dessa forma, tanto na violência estrutural (Galtung, 1990) quanto na violência simbólica (Bourdieu, 2007), há essa relação de dominação por aqueles que detêm o poder sobre aqueles que estão submetidos a ele.

Pensando essas relações de poder entre classe dominante e classe dominada, Volóchinov (2017, p. 113) declara que a classe dominante “tende a atribuir ao signo ideológico um caráter eterno e superior à luta de classes, apagar ou ocultar o embate das avaliações sociais no seu interior, tornando-o monoacentual” ou, como diria Han (2017), busca neutralizar a alteridade inquietante. Nesse sentido, a palavra ou o discurso (signos ideológicos verbais) são tomados como discurso de autoridade, que, segundo Bakhtin (2015, p. 137-138), exige de nós reconhecimento

incondicional e assimilação, não permitindo variações livremente criadoras e penetrando “em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível [que] precisa ser integralmente confirmado ou integralmente refutado”. Entre as diversas formas de discurso autoritário, Bakhtin traz, como exemplo, o autoritarismo do dogma religioso, o foco deste trabalho.

Segundo Erickson (2011, p. 61), dogma é “[u]ma doutrina, geralmente na forma de uma declaração eclesiástica oficial normativa”. Percebemos, nessa breve definição que o autor faz, em seu *Dicionário popular de teologia*, a menção a duas palavras axiologicamente importantes: ‘doutrina’ e ‘normativa’. Ao pensar em doutrina, pensamos em um sistema de discursos que definem as crenças que devem ser adotadas por determinado grupo de fiéis. Já o adjetivo normativo reforça o conteúdo de ‘doutrina’ para determinar que tais doutrinas são normas a serem seguidas. É nesse sentido que podemos relacionar um dogma com um discurso autoritário, nos moldes apresentados por Bakhtin. Bezerra, ao comentar o discurso autoritário, explica que, para Bakhtin, o discurso autoritário “procura determinar até os fundamentos de nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento” (Bezerra, 2015, p. 244).

A doutrina cristã, em vários segmentos, é definida como uma religião patriarcal heterocisnormativa. Sexualidades ou gêneros dissidentes são, em muitos segmentos desse grande guarda-chuva chamado cristianismo, rechaçados como pecado, colocando a pessoa fora da graça divina. Vários versículos bíblicos de aparente condenação à homossexualidade são recitados e, de forma violenta, usados para violar a natureza de alguém (Chauí, 2021), sem a devida exegese contextualizada dos trechos retirados da bíblia. Por exemplo, quem não ouviu a história de Sodoma e Gomorra e de como ela é usada para referir-se à suposta condenação de Deus à homossexualidade? É nesse sentido que autores, como Sharpe, que escreveu *The Gay Gospels* (2011), e Vines, que escreveu *God and the gay Christian* (2014), contrapuseram essa suposta condenação, trazendo uma interpretação contextualizada dos trechos bíblicos que, normalmente, são usados para colocarem pessoas LGBT+ no “inferno”, que seria o local reservado para esses “tipos de pecadores”.

Esse tipo de violência também decorre de relações de poder desiguais. O pastor ou o padre, que se colocam como autoridade eclesiástica, exercem poder sobre seus fiéis. Como “embaixadores da divindade”, esses líderes se posicionam como aqueles que sabem qual é a vontade de Deus, o que Deus ama e o que Deus abomina, além de apresentarem o que deve ser feito para se alcançar a “salvação”. Nesse sentido, o dominado (o fiel) se submete à palavra do

líder, que é apresentada como a “verdade”. Estabelecem-se, portanto, relações de opressão e intimidação pelo medo (Chauí, 2021): o medo de estar vivendo no pecado, o medo de não alcançar a tão prometida salvação, o medo de estar desagradando a Deus, o medo de estar em desagrado do líder religioso e/ou dos outros membros do grupo. Esses líderes religiosos buscam “dobrar” o outro por meio de técnicas de subjugação (Han, 2017) que objetivam neutralizar as dissidências para que todos se encaixem no padrão heterocisnormativo.

Essa violência dogmático-religiosa é aquela que oprime o outro de forma discreta (Han, 2017), em especial quando a relação dominador (líder eclesiástico) - dominado (fiel) determina a relação ideológica do dominado com o mundo e busca ditar o seu comportamento (Bezerra, 2015). Nesse tipo de violência, não há o diálogo criativo, a divergência, a contestação por parte do dominado; ela não “desperta o pensamento independente e uma nova palavra independente” (Bakhtin, 2015, p. 140), pois, nessa relação de poder e violência, é exatamente o dominado que precisa se curvar ao discurso autoritário heterocisnormativo tão presente nos púlpitos das igrejas. Por ser uma violência, ela não oferece uma saída que não seja a “conversão”, o exorcismo (do “demônio da homossexualidade”), a chamada cura gay (“terapias de conversão”), entre outras técnicas violentas de submissão.

Segundo os dominadores, ao dominado não compete a refutação do discurso autoritário heterocisnormativo, pois como líderes religiosos, ao normalizarem a opressão, dizem falar “em nome de Deus”, citando versículos bíblicos de forma descontextualizada para lançarem sobre o outro, de forma violenta, a condenação às sexualidades e aos gêneros dissidentes. O oprimido, nesse contexto de violência dogmático-religiosa, torna-se não apenas o “pecador” para cujo “pecado” não há perdão divino, mas também o “inimigo” – aquele contrário “à moral e aos bons costumes” e à “família tradicional cristã”.

É essa violência dogmático-religiosa que torna o indivíduo LGBTQ+ o inimigo, aquele que é expulso de casa pelos pais ou enviado a terapias ou a retiros de cura gay ou a sessões de exorcismo. Vale ressaltar que, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução nº 001/99 de 22 de março de 1999, declarou que “não cabe a profissionais da Psicologia no Brasil o oferecimento de qualquer tipo de terapia de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é considerada patologia, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS)” (Farhat, 2018). Segundo Farhat (2018), ainda, um grupo de psicólogos/as defensores/as do uso de terapias de reversão sexual entraram com uma ação popular para que fosse dado a essas/es profissionais o



direito de realizar tais terapias. Essa ação popular foi suspensa no dia 24 de abril de 2019 pelo Supremo Tribunal Federal, que manteve a integralidade da Resolução nº 001/99 (CFP, 2019).

Entretanto, essa prática de “reversão” da sexualidade é defendida por certos líderes religiosos. Como exemplo, Barros e Cerqueira (2024) apontam o trabalho da Igreja Batista da Lagoinha, comandada por André Valadão, ao promover retiros espirituais que duram de três a oito dias sob responsabilidade de uma pastora da Igreja. Apesar de não haver, explicitamente, o nome de “cura gay”, segundo os autores

Entre os fiéis que passaram pela experiência está a publicitária Cláudia Baccile, 33 anos. Ela conta que nas dinâmicas os participantes são bombardeados com ideias como as de que “a homossexualidade é o pecado extremo” e que quem se envolver em ato sexual dessa natureza “será condenado à morte eterna”. “Na época, já me via como lésbica e fui levada a uma sessão de exorcismo”, diz Cláudia (Barros; Cerqueira, 2024).

Na Nigéria, espaço ficcional do romance sob análise neste texto, “a liberdade, igualdade, e dignidade dos direitos humanos estão sujeitas a uma miríade de violações” (Ogbeche, 2022; minha tradução)<sup>3</sup>, especialmente contra pessoas da comunidade LGBTQ+. Para o autor, essa opressão no país não é só contínua, mas também generalizada e tem suas raízes em dogmas religiosas e normas sociais, sendo, portanto, o *background* “ideal” para as “terapias de conversão”, que envolvem desde orações, interseções e jejum até o exorcismo (com base na crença de que homossexuais ou bissexuais são possuídos pelo demônio), entre outras práticas.

Apesar de o exorcismo ser uma prática não só pentecostal ou neopentecostal, vou enfatizar esse segmento da religião cristã a partir de autoras/es africanas/os ou africanistas para me direcionar ao foco deste trabalho. van Klinken (2016), ao discutir o pentecostalismo em África, explica que, para esse segmento religioso, os demônios têm um papel central na sua teologia e, até, cosmogonia. Vários aspectos da vida social, econômica, psicológica e médica – além das relações entre pessoas – são percebidos pelas lentes de uma batalha espiritual (anjos vs. demônios; deus vs. diabo/satanás). Com base nessa batalha espiritual, um dos pilares do pentecostalismo africano é a teologia da prosperidade, que traz a ideia de que, se um/a crente/cristã/o permanece na pobreza, é devido à sua condição espiritual e que os “[...] infortúnios são passados de geração em geração por meio de espíritos ancestrais demoníacos” (van Klinken,

---

<sup>3</sup> Todas as traduções ao português de textos escritos originalmente em inglês são minhas. Texto no original: “freedom, equality and dignity in human rights are subject to a myriad of violations”.



2016, p. 74; minha tradução)<sup>4</sup>. Vale destacar que, para esse viés do evangelho pentecostal, a homossexualidade é considerada o mais desagradável de todos os pecados contra Deus (o Deus pentecostal, claro!).

Nesse mesmo campo da demonologia pentecostal, dois outros aspectos são apresentados por Lyonga (2016), a saber, o evangelho do fim dos tempos e o evangelho da cura. O evangelho do fim dos tempos, segundo Lyonga (2016), concebe a homossexualidade como demoníaca e como um sinal da segunda vinda do Cristo, que marcaria os últimos dias do mundo. Nesse sentido, a visibilidade da homossexualidade no mundo é compreendida como a expansão do poder do diabo, sendo aqueles que advogam por direitos a esse grupo minoritário percebidos como a própria encarnação do diabo e como agentes do anticristo.

Em relação ao evangelho da cura, a autora esclarece que esse tipo de evangelho constrói a homossexualidade como a manifestação de espíritos demoníacos contra os quais se deve lutar espiritualmente por meio de oração. Nesse sentido, gays e lésbicas, por exemplo, são vistos como vítimas do controle demoníaco e, por isso, devem ser libertados do ‘demônio da homossexualidade’. A homossexualidade, portanto, é “[...] uma doença espiritual da qual suas vítimas podem ser curadas por meio do arrependimento, da oração e do exorcismo” (Lyonga, 2016, p. 62; minha tradução)<sup>5</sup>.

É nisso, portanto, que se configura a violência dogmático-religiosa, pois além de “outrizar” o indivíduo LGBTQ+, colocando-o com pecador destituído da graça de Deus, ainda vilaniza-o por considerá-lo espiritualmente doente e sob o controle das forças demoníacas. Como violência, ela busca quebrar o outro, não dando a ele outra opção a não ser a submissão ao seu discurso de poder e domínio. Nos mesmos moldes da violência simbólica (Bourdieu, 2007) e da violência sistêmica (Han, 2017), as vítimas da violência dogmático-religiosa nem sempre estão conscientes da sua subjugação, pois essas relações desiguais de poder tornam-se naturalizadas.

E é a partir, portanto, dessa breve discussão sobre a violência, destacando a violência dogmático-religiosa e as suas artimanhas no pentecostalismo africano, que apresento, na próxima seção, o autor e a obra-objeto deste trabalho, bem como uma análise de excertos em que essa violência dogmático-religiosa é representada.

---

<sup>4</sup> Texto no original: “[...] misfortune is passed from generation to generation via demonic ancestral spirits”.

<sup>5</sup> Texto no original: “[...] a spiritual sickness from which victims can be cured through repentance, prayer and exorcism”.

### 3. A representação da violência dogmático-religiosa em *Speak No Evil* (Iweala, 2018)

Uzodinma Iweala é um médico e escritor nigeriano-estadunidense. Em 2004, bacharelou-se em Harvard, onde recebeu o prêmio Hoopes pela sua monografia de fim de curso, a partir da qual desenvolveu seu primeiro romance, *Beasts of No Nation*, que foi adaptado em filme em 2015 com o mesmo título. Em 2011, formou-se médico pela Columbia University College of Physicians and Surgeons e atualmente é o CEO de um museu localizado em Harlem, New York, chamado *The Africa Center* (<https://theafricacenter.org/>).

*Speak no evil* é o segundo romance do autor, publicado em 2018. Nesse romance as interseccionalidades entre o construto social de raça, classe, gênero, sexualidade se avolumam nas suas páginas, por meio da história de Niru, um adolescente nigeriano-estadunidense que está no último ano do ensino médio e mora em um bairro de classe média em Washington D.C. Niru revela ser gay para Meredith, sua amiga heterossexual branca, após rejeitar as tentativas dela de eles terem relações sexuais. Para ajudar o amigo, Meredith baixa um aplicativo de relacionamento no celular de Niru, a fim de que ele tivesse coragem de marcar encontros com outros homens. Com isso, ele marca um encontro com um rapaz chamado Ryan, mas, ao perder o seu celular em casa, seu pai o encontra e descobre as mensagens trocadas entre eles. A reação do pai à descoberta é espancar Niru e levá-lo à Nigéria para um “reavivamento espiritual”. Ao retornar aos Estados Unidos, sua família tenta voltar à normalidade, apesar de Niru ter de visitar, semanalmente, o pastor da igreja em que a família se congrega para aconselhamento espiritual.

Depois da sua primeira competição de atletismo, Niru vai a uma festa e fica embriagado, tem uma discussão com Meredith e é ajudado por um rapaz chamado Damien, com quem começa a ter um relacionamento romântico. No entanto, ele precisa navegar nos espaços em que existe: como alguém que esconde a sua sexualidade em casa e na escola, e como aquele que “existe” ao estar com Damien. No entanto, a própria relação com Damien é marcada pelo conflito, pois Niru não consegue rejeitar por completo o discurso autoritário anti-homossexualidade cristão, com o qual cresceu e por meio do qual foi levado à Nigéria para ser “curado”.

Após a última competição de atletismo do seu ano letivo, Niru foge do seu pai e vai a um bar com Meredith. Ao saírem, começam uma briga, a partir da qual Niru a empurra contra a parede. Policiais, então, atiram em Niru, argumentando que ele estava tentando estuprar a moça. Niru, então, morre, e tanto o seu pai quanto Meredith têm de lidar com a perda.

É possível perceber, neste enredo criado pelo autor, a ênfase que é dada ao discurso anti-homossexualidade cristão que é representado tanto na criação de Niru pelos pais protestantes, quanto pela própria assimilação desse discurso autoritário pela personagem, levando-o a ter conflitos consigo mesmo. Nesse sentido, o autor constrói a personagem Niru como aquele que era subjugado ao domínio do pai e do pastor, sempre se sentindo em dissonância consigo mesmo, pois a violência dogmático-religiosa a que é submetido deixa marcas permanentes.

Devido ao escopo e tamanho deste texto, gostaria de focar a passagem do romance em que Niru é levado à Nigéria pelo pai para ser “curado”. O autor constrói uma personagem que está em constante batalha entre o discurso do pai e do pastor (discurso autoritário anti-homossexualidade) e seus desejos, e nesse sentido, antes mesmo da viagem, cogita:

Será que meu pai e o Reverendo Olumide estão certos? Talvez haja algo verdadeiramente abominável em mim que só o fogo purificador da oração constante possa expurgar? Talvez eu tenha passado tempo demais nos Estados Unidos, absorvendo valores ímpios e sentimentos satânicos, como meu pai disse, e isso tenha criado uma confusão que só a pátria-mãe pode curar (Iweala, 2018, p. 57)<sup>6</sup>.

É interessante ponderar sobre as escolhas lexicais que o autor faz para representar o conflito interno da personagem, que se vê em uma confusão (“confusion”), pois passa a questionar se há algo abominável (“abominable”) nele. O adjetivo que o autor usa está em consonância com a própria pregação do Reverend Olumide, para o qual os Estados Unidos estão “under the shadow of that abomination, homosexuality” [sob a sombra daquela abominação, a homossexualidade] (Iweala, 2018, p. 16). A violência dogmático-religiosa busca subjugar a personagem fazendo com que ele tenha dúvida se, de fato, o que lhe é pregado está ou não correto. Outro elemento trazido pelo autor é o binarismo que é criado na consciência subjetiva da personagem: os Estados Unidos como o lugar de valores ímpios (“ungodly”) e sentimentos satânicos (“satanic”) versus a pátria-mãe (“motherland”, África), vista como fonte de cura (“cure”). O discurso autoritário é, portanto, essa massa compacta que é assimilada por meio da violência dogmático-religiosa, levando a personagem a reverberar palavras (signos ideológicos) próprias do léxico anti-homossexualidade cristão.

---

<sup>6</sup> Texto no original: “I wonder if my father and Reverend Olumide are right, maybe there is something truly abominable about me that only the purifying fire of constant prayer can purge. Maybe I have spent too much time in the United States soaking up ungodly values and satanic sentiments, as my father has said, and that has created a confusion only the motherland can cure”.

O pai de Niru pensa em levá-lo ou à Igreja Holy Spirit Chapel ou à Mountain of Fire, duas igrejas pentecostais que existem no mundo da vida, sendo a primeira localizada na cidade Ado Ekiti e a segunda em Lagos, ambas no sudoeste da Nigéria. Reverend Okereke, o pastor responsável pela “libertação” de Niru, confirma o binarismo EUA vs. África, afirmando que “the demon of homosexuality has become [...] entrenched in America” [o demônio da homossexualidade ficou [...] entranhado na América] (Iweala, 2018, p. 72) e que lá, a Nigéria, por ter uma fé forte, não foi ainda “infiltrated by the devil” [infiltrada pelo demônio] (Iweala, 2018, p. 16). A demonologia pentecostal (“demon”, “devil”) é, mais uma vez, percebida pelas escolhas lexicais do autor, que utiliza uma linguagem heterodiscursiva (Bakhtin, 2015), por meio da qual o grupo social pentecostal é representado não só pelos seus valores, mas também pela sua linguagem própria.

Duas noites após a conversa inicial com o Reverend Okereke, Niru é levado novamente para a igreja para uma noite de vigília. De acordo com as palavras do Pastor, aquela noite seria para “prayer and devotion, for renewal” [oração e devoção, para renovação] (Iweala, 2018, p. 75). O pai de Niru, então, coloca uma mão no ombro do filho e diz: “it’s time that we...” [está na hora de nós...] (Iweala, 2018, p. 77). O autor utiliza reticências para inferir a própria dificuldade do pai de revelar o que aconteceria com seu filho a partir daquele momento. Niru, ao ouvir o pai e perceber o que iria acontecer, apresenta a seguinte reação: “My mouth dries out and my legs grow weak” [minha boca seca e minhas pernas ficam cada vez mais fracas] (Iweala, 2018, p. 77). O autor usa o verbo “dry” mais a partícula “out” para que, como verbo frasal, venha a trazer a ideia de a boca secar por completo; além disso, suas pernas estavam se tornando fracas gradativamente (“grow weak”) com a expectativa do que iria acontecer. Cada elemento dessa cena cria a imagem de alguém que será submetido a um tipo de violência, que será oprimido e violentado.

Pai e filho se direcionam a uma sala nos fundos, onde estão quatro pessoas: Reverend Okereke, duas mulheres e um homem segurando uma Bíblia. A sala não tem janelas – apenas um ventilador pequeno no canto. Ao entrarem na sala, o pai fecha a porta, e Niru é colocado no centro do círculo formado pelos quatro. Após orarem o “Pai Nosso”, o Pastor pede que Niru se ajoelhe para que eles possam orar por ele: “Kneel down young man so we can pray over you as God has called us here to do” [Ajoelhe-se, meu jovem, para que possamos orar por você, como Deus nos chamou aqui para fazer] (Iweala, 2018, p. 78). É interessante notar como a cena é construída,

pois, para o Pastor, a violência dogmático-religiosa a ser perpetrada por eles é culpabilizada a Deus, que os compeliu a fazer o que irão fazer (“God has called us here to do”).

O autor constrói, então, uma cena de tensão, em que a vítima se sente “dobrada”: “I struggle for breath. My head hurts [...]” [Eu luto para respirar. Minha cabeça dói [...]] (Iweala, 2018, p. 78). A falta de ar e a cabeça dolorida trazem a sensação da vítima no seu local de tortura. Niru quer fugir [“I want to run” [quero fugir] (Iweala, 2018, p. 78)], mas o Pastor bloqueia a porta com a sua “imposing form and his fleshy outstretched palm” [forma impositiva e sua mão carnuda estendida] (Iweala, 2018, p. 78). O adjetivo usado pelo autor para representar a posição do Pastor está ligado à imposição (“imposing”), não deixando nenhuma brecha para que Niru consiga fugir daquele cenário de violência. A mão estendida (“outstretched palm”) já é um indicativo de que aquelas pessoas estavam com as mãos estendidas na direção de Niru para realizarem a oração de “libertação”. O Pastor, com força, empurra a cabeça de Niru para baixo e, nesse estado, as duas mulheres e o homem colocam suas mãos na cabeça dele, impedindo-o de ver qualquer coisa, a não ser o chão de cimento. Começam a orar baixo, mas o volume vai aumentado. Niru tenta levantar-se, mas alguém coloca a mão no seu ombro e o segura. No inglês, o verbo segurar é “hold down”, que traz a ideia de segurá-lo para que ele permaneça em baixo (“down”). As vozes ficam cada vez mais altas enquanto fazem a seguinte oração:

Oramos para que o espírito demoníaco maligno que busca prejudicar a vida deste garoto o deixe e retorne ao poço de fogo do inferno de onde veio, grita o Bispo Okereke. Saia desse lugar em nome de Jesus, diz outra voz. Pedimos que o Senhor bana o espírito da homossexualidade e perversidade deste jovem, amarre-o e expulse-o em nome de seu filho, Jesus Cristo, Amém. Pai todo-poderoso, destrua todo e qualquer pensamento impuro, desejo impróprio e noção abominável nos cantos desta mente e deste coração jovem, encha-o novamente com o amor de Sua Palavra e reverência pelos Seus ensinamentos. Encha-o, Pai, em nome de Jesus. Meu Pai, reoriente este Seu filho para os ensinamentos puros de nosso Salvador Jesus. Desbloqueie em sua mente e coração aquele lugar onde o Senhor residirá para protegê-lo de toda coisa impura, grita o Bispo Okereke. Proteja-o, Senhor, proteja-o, ecoam os guerreiros da oração. Devolva ao Seu filho o espírito de obediência aos pais para que ele possa ouvir suas orientações e atender aos seus conselhos, grita o Bispo (Iweala, 2018, p. 78)<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Texto no original: “We pray that the evil demonic spirit that seeks to harm this boy’s life should leave him and return to the pit of hellfire where it came, Bishop Okereke shouts. Clear out from that place in Jesus’s name, another voice says. We ask you to banish the spirit of homosexuality and perversity from this young man, bind it and cast it out in the name of your son, Jesus Christ, Amen. Father almighty destroy each and every unclean thought, untoward desire and abominable notion in the corners of this young mind and heart, refill him with the love of your Word and reverence for your teachings. Fill him Lord Father in the name of Jesus. Father God, reorient this your child to the pure teachings of our Savior Jesus. Unlock in his mind and heart that place where you will reside to protect him from every unclean thing,

As escolhas lexicais adotadas pelo autor representam não só a demonologia pentecostal, relacionando a homossexualidade com espíritos demoníacos malignos (“evil demonic spirit”), com a perversidade (“perversity”), com o pensamento impuro, o desejo impróprio e noção abominável (“unclean thought, untoward desire and abominable notion”), mas também são preenchidas axiologicamente com os valores daquele grupo, que, utilizando-se da sua posição de autoridade, utilizam verbos no imperativo: “Clear out from that place” (saia desse lugar); “bind it [the spirit of homosexuality and perversity] and cast it out” (amarre-o [o espírito da homossexualidade e da perversidade] e expulse-o); “destroy each and every unclean thought” (destrua todo e qualquer pensamento impuro); “refill him with the love of your Word and reverence for your teachings” (encha-o novamente com o amor da Sua Palavra e com a reverência pelos Seus ensinamentos); “reorient this your child to the pure teachings of our Savior Jesus” (reoriente esse Seu filho aos ensinamentos puros de nosso Salvador Jesus); “unlock in his mind and heart that place where you will reside” (desbloqueie em sua mente e coração o lugar onde o Senhor residirá); “protect him” (proteja-o); “return your child to the spirit of obedience to his parentes” (devolva ao Seu filho o espírito de obediência aos pais).

A partir dessa prece, é possível pontuar o pensamento pentecostal sobre a homossexualidade: algo demoníaco, impuro, perverso e, também, um ato de desobediência a Deus e aos pais. Durante o exorcismo, o autor revela que Niru sentiu raiva, depois vergonha e depois raiva. Ao mesmo tempo, no entanto, sentiu que queria ser “limpo”, “normal” de tal forma que seu pai voltasse a sentir orgulho dele e que ele olhasse para o pai sem medo. Como Bezerra (2015) explica, o discurso autoritário procura determinar como nos relacionamos axiologicamente com o mundo e como deve ser o nosso comportamento.

Esse discurso de autoridade, por meio da violência dogmático-religiosa, penetra a mente e o coração de Niru, colocando-o numa posição de conflito e desequilíbrio, já que ele, como vítima dessa artimanha pentecostal, não consegue ter relacionamentos saudáveis, pois sempre a dúvida e a culpa surgem na sua mente. É a perversidade da violência dogmático-religiosa que não dá ao outro outra opção a não ser a submissão e o quebrantamento.

### Considerações finais

---

Bishop Okereke shouts. Protect him Lord, protect him, the prayer warriors echo. Return your child to the spirit of obedience to his parents so that he may hear their direction and heed their advice, the Bishop shouts”.

Este trabalho teve o objetivo de analisar como se deu a construção da violência dogmático-religiosa contra o protagonista gay do romance *Speak no evil* (Iweala, 2018). Para alcançar esse objetivo, trouxe uma breve discussão sobre violência, como pensada por Chaui (2019), Galtung (1990), Bourdieu (2007) e Han (2019) para que pudesse pensar a violência dogmático-religiosa.

Como tal, a violência dogmático-religiosa busca quebrar o outro, dominá-lo, exercer sobre ele o poder para que ele veja o mundo a partir dos dogmas e das doutrinas religiosas a ele impostas e para que seu comportamento seja adequado ao grupo no qual está inserido. No caso de pessoas queer, a demonologia pentecostal busca neutralizar a alteridade inquietante (Han, 2017), categorizando sexualidades dissidentes como impuras, pecaminosas e controladas por espíritos demoníacos.

Nesse sentido, o romance representa a experiência de exorcismo a que o protagonista foi submetido. O autor utilizou não só os valores da demonologia pentecostal, como o próprio vocabulário utilizado por líderes pertencentes a esse segmento protestante. Como discurso autoritário, os dogmas religiosos em relação à homossexualidade são representados de forma a criar conflitos na personagem que sobrevive ao exorcismo, mas não consegue sobreviver aos efeitos nefastos desse tipo de violência. Para trazer credibilidade a essa situação no mundo da arte, o autor cria uma personagem gay que é marcado pelo discurso autoritário anti-homossexualidade cristão, que inviabiliza uma vida em que ele possa simplesmente “existir” como homem gay. O autor faz que até os seus relacionamentos não sejam plenos pelo medo que a personagem tem do pecado, da culpa e da rejeição – ser rejeitado por Deus e pela família.

Por fim, gostaria de pontuar que o mundo da arte e o mundo da vida, apesar de serem distintos, interagem entre si de forma dinâmica. O mundo criado por Iweala no romance *Speak no evil* dialoga diretamente com o mundo da vida, em que pessoas da comunidade LGBTQ+ são, muitas vezes, submetidas a essa violência dogmático-religiosa, não dando a elas nenhuma opção a não ser a submissão ao domínio de líderes religiosos que se colocam como porta-vozes de Deus. No entanto, apesar de esses líderes não mostrarem outra saída, ela existe: o reconhecimento da violência dogmático-religiosa impetrada por esses líderes e a sua “desnormalização” para que as vítimas desse tipo de violência possam compreender que qualquer tipo de ação contra a sua existência (coersão doutrinária, “cura gay”, exorcismo etc.) não tem outro



nome a não ser **violência**.

CRediT
<b>Reconhecimentos:</b> O autor agradece ao CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - pelo apoio fornecido ao longo do projeto.
<b>Financiamento:</b> Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2/CNPq.
<b>Conflitos de interesse:</b> O autor certifica que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
<b>Aprovação ética:</b> O artigo não é resultado de pesquisa com seres humanos.
<b>Contribuições dos autores:</b> <b>MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de.</b> Conceitualização, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

## Referências

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 19-241.

BAKHTIN, M. As formas do tempo e do cronotopo no romance: um ensaio de poética histórica. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018. p. 11-236.

BARROS, D. M. de; CERQUEIRA, S. Como a igreja comandada por André Valadão promove a absurda “cura gay”. *Veja*, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/como-a-igreja-comandada-por-andre-valadao-promove-a-absurda-cura-gay>. Acesso em: 03 fev. 2025.

BEZERRA, P. Breve glossário de alguns conceitos-chave. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015. p.243-249.

BOURDIEU, P. *Reflexões pascalianas*. 2.ed. Tradução de Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CHAUÍ, M. *Sobre a violência*. Organizado por Ericka Marie Itokazu e Luciana Chauí-Berlink. Belo Horizonte: Autêntica: 2021.

ERICKSON, M. J. *Dicionário popular de teologia*. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FARHAT, R. Em defesa da Resolução 01/99, CFP aciona STF. *Conselho Federal de Psicologia*, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/cfp-aciona-stf/>. Acesso em: 03 fev. 2025..

GULTANG, J. Cultural violence. *Journal of Peace Research*, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990. Disponível em: <https://www.galtung-institut.de/wp-content/uploads/2015/12/Cultural-Violence-Galtung.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2025.

HAN, B-C. *Topologia da violência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

IWEALA, U. *Speak no evil*. New York: HarperCollins Publishers, 2018.

HOLQUIST, M. Glossary. In: BAKHTIN, M. *The Dialogic Imagination: Four Essays* by M. M. Bakhtin. Edited by Michael Holquist; translated by Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin, TX: University of Texas Press, 1981. p. 423-434.

LYONGA, F. The homophobic trinity: Pentecostal end-time, prosperity and healing gospels as contributors to homophobia in Cameroon. In: CHITANDO, E.; VAN KLINKEN, A. (ed.). *Christianity and Controversies over Homosexuality in Contemporary Africa*. London; New York: Routledge, 2016. p. 51-64.

OGBECHE, O. The Nature, Extent and Impacts of Conversion Practices In Nigeria. *The Initiative for Equal Rights (TIERs)*, Lagos, 2022. Disponível em: [https://outrightinternational.org/sites/default/files/2022-09/The\\_Nature\\_Extent\\_and\\_Impacts\\_of\\_Conversion\\_Practices\\_in\\_Nigeria\\_Web.pdf](https://outrightinternational.org/sites/default/files/2022-09/The_Nature_Extent_and_Impacts_of_Conversion_Practices_in_Nigeria_Web.pdf). Acesso em: 03 fev. 2025.

SHARPE, K. *The gay gospels: good news for lesbian, gay, bisexual, and transgendered people*. Winchester, UK: O-books, 2011.

STF concede ao CFP liminar mantendo íntegra e eficaz a Resolução 01/99. *Conselho Federal de Psicologia*, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/stf-concede-ao-cfp-liminar-mantendo-resolucao-01-99/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

van KLINKEN, A. A Kenyan queer prophet: Binyavanga Wainaina's public contestation of Pentecostalism and homophobia. In: CHITANDO, E.; VAN KLINKEN, A. (ed.). *Christianity and Controversies over Homosexuality in Contemporary Africa*. London; New York: Routledge, 2016. p.65-81.

VINES, M. *God and the gay Christian*. Colorado Springs, Colorado: Convergent Books, 2014.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.